

Narradores de Javé e as possibilidades de leitura para o ensino de história.

Adeilma Carneiro Bastos

“Tirar da cabeça, minha gente, e botar no papel”. É nessa perspectiva que se fundamenta toda a construção ficcional do filme *Narradores de Javé*, isto é, os moradores do vilarejo, precisarão narrar suas histórias para “o grande livro da salvação” e demonstrar por meio destas, a “grandiosidade” do lugar, no intuito de evitar que o pior aconteça: a desapropriação das terras de Javé para a construção de uma barragem.

O filme apresenta-se como um rico instrumento para o ensino de história, posto que se encontram presentes, diversos conceitos fundamentais para a compreensão dos processos históricos, tais como : história, memória, sujeitos históricos, mitos fundadores, invenção das tradições, entre outros. O objetivo desse trabalho é explorar as potencialidades do filme para o trabalho em sala de aula, a partir dos conceitos históricos que aparecem ao longo da narrativa fílmica.

Palavras-chaves: Cinema, Ensino, História.

O uso do cinema na sala de aula: brevíssimas considerações

Desde o final do século XIX, quando do surgimento do cinema, quase não houve época, civilização, heróis, sejam eles antigos ou modernos, que não tenham sido encenados nas projeções diante da sala escura; e, além disso, mesmo quando o produto audiovisual do cinema ou da TV, não encena o passado, estes sempre são documentos representativos de sua época no sentido de veicularem valores, projetos e ideologias de tal época. Podemos afirmar que o fascínio do espetáculo cinematográfico, na maioria das vezes, faz com que a história escrita/ensinada pareça menos representativa e atraente aos olhos do grande público não especialista na disciplina da história.

A partir dos anos de 1990, o cinema, e mais recentemente, a televisão ingressaram de forma definitiva na pauta de trabalho do historiador brasileiro. Há vários anos têm aparecido diversos materiais especializados neste campo de estudo, entre os quais se encontram teses, dissertações de mestrado, livros, artigos em periódicos especializados e toda sorte de materiais paradidáticos que conferem à consolidação do campo imagético ao ofício do historiador.

Isto se deve, notadamente, a “Revolução Francesa da Historiografia”, no entendimento de Peter Burke, isto é:

Em primeiro lugar a substituição da tradicional narrativa dos acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros

objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social e tantas outras. Como dizia Febvre no seu característico uso do imperativo: 'Historiadores sejam geógrafos. Sejam juristas também, e sociólogos e psicólogos (...). Ele estava sempre pronto 'para por abaixo os compartimentos' e lutar contra a especialização estreita'. (BURKE, 1997, pp. 11-12)

Já se tornou notório o uso dos audiovisuais tanto no que se refere às pesquisas especializadas na área de história como, e, sobretudo, na sala de aula; contudo é importante perceber que essa utilização não pode ocorrer de forma leviana e irresponsável. Nesse sentido Napolitano (2008) registra as opiniões de Milton Almeida:

Embora o cinema seja utilizado há algum tempo por muitos professores, pelo menos desde o final dos anos de 1980, só mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem o professor. No campo das humanidades existe uma razoável bibliografia, e alguns autores tentam apontar para um trabalho que não apenas incorpore o conteúdo, a "história" do filme, mas também seus elementos de *performance* (a construção do personagem e os diálogos), a linguagem (a montagens e os planos) e composição cênica (figurino, cenário, trilha sonora e fotografia). [...] Acreditamos que é possível, mesmo o professor não se tornando um crítico cinematográfico altamente especializado, incorporar o cinema em sala de aula e em projetos escolares, de forma ir muito além do "conteúdo" representado pelo filme. O significado de um texto/filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes em que cada uma só não é suficiente para explicá-lo, porém, todas são necessárias e cada uma só tem significação plena em relação a todas as outras. (ALMEIDA apud NAPOLITANO, 2008, p.12).

As modificações nos rumos da historiografia desde a fundação da Revista dos *Annales*, em 1929, a partir de seus fundadores Bloch e Febvre, que, além de uma obra pessoal significativa conceberam essa revista, com o objetivo explícito de fazer desse meio de divulgação científica, um encorajador e enriquecedor suporte de difusão de uma nova cultura histórica, além de conclamar os historiadores a se aproximarem das áreas de conhecimento vizinhas a ela, além do incentivo a renovação de temas e ampliação de conceitos.

Nesse sentido, os conceitos e as formas de abordagem, tanto nas pesquisas como no ensino de história passaram por uma ampla revisão e abertura das fronteiras confluindo, inclusive, para o que modernamente chamamos de Nova História Cultural.

Dentre esses conceitos que se modificaram desde os fins da década de 1920, podemos destacar o de sujeito histórico. Mais recentemente, isto é, a partir dos anos de 1970, a Nova História aprofundou ainda mais os limites desse conceito. Era preciso que a história não fosse apenas dos grandes homens (políticos e generais), mas que passasse a incluir as sensibilidades dos diversos segmentos sociais, sobretudo dos anônimos e seu cotidiano ligado ao trabalho, as artes e as diversas experiências da existência humana.

Nessa perspectiva, o conceito ampliou-se de forma tão significativa, que todos os indivíduos passaram a ocupar o leque de possibilidades do conceito de sujeitos históricos, a saber, pobres, ricos, brancos, não – brancos, letrados, não-letrados, burgueses, operários, religiosos não-religiosos, mulheres, homens, velhos, crianças, etc. Passou-se a entender como sujeitos históricos todos aqueles que são agentes da ação social, aqueles que participam dos acontecimentos coletivos, e que estão envolvidos em situações cotidianas, para manutenção ou transformação do mundo que os cercam.

Narradores de Javé: considerações sobre o filme

É nessa perspectiva que propomos a leitura e a análise do filme *Narradores de Javé* (2003) como um rico instrumento didático para o ensino de história, sobretudo nos níveis fundamental e médio pela facilidade de comunicação do filme com o público infanto-juvenil dado o seu caráter cômico.

Dirigido por Eliane Caffé, *Narradores de Javé* (2003) discute questões ligadas à memória histórica e suas "verdades", flutuando entre as tradições oral e escrita. O filme recebeu o prêmio da crítica no Festival Internacional de cinema de Friburgo (Suíça, 2003), Prêmio Gilberto Freyre e sete troféus Calunga – filme, direção, montagem, ator (José Dumont), ator coadjuvante (Gero Camilo), edição de som e atriz coadjuvante (Luci Pereira) – no Festival de Cinema de Recife, prêmios de melhor filme do júri oficial e do júri popular e ainda o prêmio de melhor ator para José Dumont no Festival do Rio 2003, prêmios de melhor filme independente e de melhor roteiro no 30º Festival Internacional do Filme Independente de Bruxelas, na Bélgica, prêmio de melhor filme no VII Festival Internacional de Cinema de Punta del Este, 2004, e ainda o prêmio de melhor filme de ficção no 5º Festival de Cinema des 3 Ameriques, realizado em Quebec, no Canadá, 2004.

A história de *Narradores de Javé* se passa numa pequena cidade denominada de Javé, no entanto, embora a narrativa seja ficcional, há muitos casos verídicos nos grotões do Brasil que podem ser comparadas à cidade que dá título ao filme.

O enredo do filme gira em torno da suposta construção de uma barragem fruto de uma hidrelétrica que se instalará na cidade e que, por isso mesmo, desapropriará as terras de Javé para a chegada do “progresso” àquela região.

O conflito do filme se estabelece quando os moradores da cidade percebem que não possuem documentação comprobatória das propriedades das terras, posto que as divisas territoriais de Javé se deu por meio das “divisas cantadas”.

A única maneira que os moradores teriam de garantir a manutenção das terras era escrever a história do povoado. Mas como se a população era quase integralmente composta por não-alfabetizados?

É nessa perspectiva que se fundamenta a trama de *Narradores de Javé*, ou seja, localizar alguém para garantir uma narrativa que beirasse uma epopéia, no intuito de proteger a localidade e a população. Os moradores numa assembléia comunitária decidem convocar Antonio Biá - personagem vivido por José Dumont - para escrever a tal história. Mas quem é Antonio Biá? É um homem que não é muito querido da população local, pois este era funcionário dos Correios, isto é, do único posto de correspondência das proximidades. Pois bem, sendo a população majoritariamente de não-alfabetizados que importância teria um posto dos Correios na comunidade? Por conta da não utilização dos serviços prestados por este órgão na localidade é que Antonio Biá resolveu garantir a manutenção de seu emprego. Como? Aumentando pontos nos contos dos moradores de Javé, ou seja, enviando correspondências aos seus amigos pelo Brasil, difamando os residentes da comunidade. Eis o motivo da falta de apreço dos cidadãos de Javé a essa figura, quase um Homero sertanejo.

Assim a população decide que só Biá seria capaz de “passar pro papel” o que tava na cabeça dos moradores de Javé. E qual seria a saída? Transformar a cidade em patrimônio histórico da humanidade por meio de suas “grandes histórias”, escritas no “Livro da Salvação”.

A Antonio Biá foi dada a oportunidade de voltar à cidade com uma função determinada, a saber: escrever as histórias de Javé, coisa que ele sabia fazer como ninguém.

Possibilidades e potencialidades de *Narradores de Javé* no Ensino de História

Muitas são as possibilidades desse filme para o ensino, pois ao longo de seus cento e dois minutos percebemos muitos conceitos que perpassam as discussões que compõem as preocupações dos historiadores e, assim, podendo ser trabalhado pelos professores de história com seus alunos em sala de aula.

Entre as várias possibilidades podemos destacar as relações entre memória e história e os desdobramentos decorrentes dessa relação.

De acordo com a narrativa do filme, Javé só poderia ser salva diante da escritura do “Livro da Salvação”, que contemplaria a história da fundação do povoado. Todavia, percebe-se logo de início que os moradores não têm uma versão única para a tal fundação do povoado.

A região, de acordo com os próprios moradores, era rica em ouro, e que por isto mesmo, despertou o interesse da Coroa Portuguesa, que resolveu expulsar por meio de uma guerra os habitantes que ali viviam.

Os moradores da futura Javé saíram “em retirada”, conduzidos por uma liderança destemida e forte. Este parece ser o único ponto comum às memórias de todos moradores de Javé, porém, essa referida liderança variava ao sabor dos interesses e das experiências pessoais de cada um dos narradores.

O primeiro habitante a conceder seu testemunho sobre suas lembranças da fundação de Javé falará de um destemido e forte líder cujo nome seria Indalécio. Este teria conduzido os habitantes da região invadida pelos portugueses até um lugar afastado dos conflitos e batizou essas terras por nome de Javé, passando a habitar tal lugar com seu bando de guerreiros e seguidores.

Consultando uma moradora, Antonio Biá obtém outra narrativa com semelhanças a anterior, mas também com diferenças consideráveis, posto que, não foi Indalécio que conduziu o bando e fundou Javé, mas sim Maria Dina, “mulher destemida e forte”.

A potencialidade dessas memórias e versões que aparecem no filme é bastante significativa para o ensino de história, pois, pode-se trabalhar com os alunos os conceitos de memória como produtora e matéria-prima da história, sobretudo na coleta de dados para a escrita da história de comunidades não-alfabetizadas, que dependem em larga medida de suas memórias para a viabilização da reconstituição do passado.

Podem-se trabalhar, também, os papéis sociais da mulher e do homem na história, sobretudo, abordando as seqüências que o discurso da personagem feminina é desautorizado pelos homens da comunidade, demonstrando assim, que a história e as sociedades ainda guardam espaço limitado para o papel social da mulher e que a base da sociedade ainda é patriarcal, apesar das transformações dos modelos societários que vem se processando na história. Por outro lado, pode-se abordar o papel da mulher como protagonistas de processos históricos tanto quanto os homens. Nesse sentido, a personagem Maria Dina mostra-se como um rico instrumento de leituras e análises do papel da mulher na história.

Durante o filme outras versões para a fundação de Javé também são levantadas, o que pode ser muito profícuo para o trabalho didático ao contemplar o caráter multifacetado das versões da história. Outro exemplo salutar é quando aparece a versão da fundação contada por um afro-descendente. Este conta que a fundação se deu por um indivíduo conhecido como Indaleo e, que, este era uma liderança vinculada à origem do narrador, portanto, negro. Pode-se neste trecho abrir um debate em torno da cultura negra que estão

nas raízes do Brasil, inclusive abordando um lado, ainda, pouco explorado no ensino de história, que é a contribuição das culturas africanas para a formação do povo brasileiro.

É importante perceber que a memória não é apenas o processo de relembrar episódios passados, ela é, sobretudo, uma construção de referências e paradigmas do passado dos diferentes segmentos sociais que são intimamente ligados aos processos permanências e rupturas sociais. A memória é uma construção do presente a partir de experiências pretéritas, podendo, nesse sentido, ser modificada no ato de lembrar do indivíduo, a memória é, portanto, seletiva e vive da constante tensão dialética entre lembrança e esquecimento.

O passado é *sempre* percebido por meio das camadas sedimentares das interpretações anteriores e por meio dos hábitos e categorias de “leitura” desenvolvidos pelos discursos interpretativos anteriores /e ou atuais (JENKINS, 2007. p.32)

Não obstante, que os moradores de Javé revelam suas narrativas em torno da fundação a partir de suas visões de mundo, anseios, valores e afetividades nos quais muitas vezes vinculam esta origem do povoado aos seus familiares em que há uma demonstração íntima do passado (memória) com a subjetividade.

O filme também aponta para um debate em torno da questão da terra no Brasil, isto é, o direito à terra, que desde a colonização do país pelos portugueses, este direito sempre foi negado a maioria em benefício de uma minoria que visa a exploração das terras, a lucratividade de uns poucos em prejuízo de tantos desprovidos de terra nesse país desde os tempos da colônia.

Desde então ocorrem contínuas migrações como a mostrada pelo filme e forjam uma legião infinita de sem-terras. A terra, cujos limites eram cantados, porque, como organismo vivo escuta e sente, respondendo aos anseios da vida das pessoas que a cultivam e que nela habitam com reverência. Transformada em propriedade porque entra em cena outra concepção de mundo e outra forma de ocupação: a exploração da terra, o lucro, o bem da maioria em detrimento de tantos que perdem a terra e pedaços da vida (como diz o personagem do filme). (BERGAMASHI, s/d, p. 01)

Finalmente, Narradores de Javé, demonstra que os moradores do lugarejo se entendem como sujeitos históricos podendo interferir no processo da história, na medida em que se mobilizam rememorar a fundação da comunidade e escreve-las no “Livro da Salvação” que poderia salvar Javé do desaparecimento que seria ocasionado pelas águas da barragem da hidrelétrica. Nesse contexto, eles se entendem como agentes portadores de uma memória social, e que, seriam capazes de livrar Javé do seu fim trágico imposto pelas autoridades interessadas unicamente em lucros exorbitantes e sem nenhum interesse em manter os laços comunitários e afetivos que existem no povoado.

Considerações finais

O filme *Narradores de Javé* apresenta essas e outras possibilidades didáticas para o ensino de história e outras disciplinas como língua portuguesa, sociologia, geografia, etc. por representar questões tão arraigadas na sociedade brasileira e que de alguma forma diz de nós brasileiros, sejam homens, mulheres, alfabetizados ou não. Por levantar questões da ordem prática do cotidiano de comunidades desprovidas de condições materiais, passando a deixar de existir do dia para a noite, dependendo dos interesses das classes dominantes.

Além de abordar de forma muito objetiva e criativa, o papel que a história desempenha, nos mais diversos segmentos sociais, e que esta pode ser encarada, partir dessa perspectiva, como um instrumento de poder e de conquista para aqueles que se sentem sujeitos da história e se vêem no papel de agentes de transformação social.

Nosso entendimento é que este filme deve fazer parte das aulas de história, pois trazem aos educadores diversas perspectivas de debate a partir de um recurso didático que compõe o quadro denominado de novas linguagens.

Referências Bibliográficas

- BURKE, Peter. *O que é História cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____.(org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.
- _____. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*, São Paulo, UNESP, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva* São Paulo, Centauro, 2004.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo, Contexto, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. Contexto, 2003.
- SILVA, Roseli Pereira. *Cinema e educação*. São Paulo, Cortez, 2007.

Filme

NARRADORES DE JAVÉ, Eliana Caffé (direção). BRASIL, Lumiere/ Videofilmes, 2003, 102 minutos, sonoro/colorido.